

## O formacampo enquanto práxis, campo e emancipação: que relação é essa?

Valéria Souza Lima Brito - UESB  
[valeriaslima@hotmail.com](mailto:valeriaslima@hotmail.com)

Higro Souza Silva – UESB  
[Higro.souza@hotmail.com](mailto:Higro.souza@hotmail.com)

Arlete Ramos dos Santos – UESB  
[arlerp@hotmail.com](mailto:arlerp@hotmail.com)

### RESUMO

A proposta deste artigo é problematizar discussões sobre a Educação do Campo na relação entre a práxis e um projeto de ação extensionista como movimento de emancipação. O foco do presente estudo recai justamente na problematização do Programa de Formação de Educadores (as) do Campo (Formacampo) como práxis e sua relação emancipatória, na qual se apresenta como instrumento de emancipação na Educação do Campo, desvestida da roupagem alienada e alienante, sendo uma força de mudança e de libertação para transformar a realidade. No que tange os aspectos metodológicos, este estudo utiliza metodologia de natureza qualitativa através da pesquisa participante. Com este trabalho espera-se contribuir com a reflexão acerca da proposta da Educação do Campo, pensada com e a partir dos povos do campo ao mesmo tempo, instigar a construção de novas experiências emancipatórias a fim de fortalecer as lutas dos povos camponeses.

**Palavras - chave:** Educação do campo; Formação de Professores; Formacampo.

### Introdução

A proposta deste estudo é problematizar discussões sobre a Educação do Campo na relação entre a práxis e um projeto de ação extensionista como movimento de emancipação. Frente a todos os desafios junto à Educação do Campo, é perceptível o esforço dos movimentos sociais para alcançar uma educação que atenda a identidade dos povos do campo, partindo da realidade e de acordo com as necessidades dos camponeses. (SANTOS E NUNES, 2020). Para tanto, deve ser construída de forma coletiva no envolvimento desses sujeitos, daí a importância da participação dos mesmos nessa construção.

Mesmo considerando as contribuições de alguns estudos e o esforço de muitos pesquisadores (as) sobre a Educação do Campo, é evidente, ainda, que se dá pouca atenção por parte das autoridades governamentais aos projetos voltados ao campo, principalmente de

uma educação pensada, com e a partir dos povos do campo. Isto representa um grande desafio para se constituir como uma práxis emancipatória com aqueles que atuam com sujeitos do campo.

O foco do presente estudo recai justamente na problematização do Programa de Formação de Educadores (as) do Campo (Formacampo) como práxis e sua relação emancipatória, na qual se apresenta como instrumento de emancipação na Educação do Campo, desvestida da roupagem alienada e alienante, sendo uma força de mudança e de libertação. (FREIRE, 2007).

Estudo objetiva tecer reflexões sobre essa ação extensionista que já se encontra em sua terceira edição de formação continuada. É importante ressaltar, que o Formacampo tem um papel preponderante na formação continuada de educadores (a) do campo. No que tange os aspectos metodológicos, este estudo utiliza metodologia de natureza qualitativa através da pesquisa participante. Foram analisados e interpretados os dados disponíveis no *drive* do programa de Formação de Educadores (as) do Campo disponibilizados no *site* do GEPEMDECC/UESB.

## **A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO LUGAR DE EMANCIPAÇÃO: CONTO OU REALIDADE?**

Para iniciar esse diálogo, primeiramente é importante questionar: ao ofertar uma Educação do Campo, antes de tudo é preciso pensar nos sujeitos, quem são e que realidade vivem? Prontamente, podemos afirmar, sim! “[...] a identidade da Educação do Campo se constrói pelos sujeitos sociais a quem se destina, e seu modo próprio de vida na utilização do espaço vivido.” O campo possui a sua própria identidade e como tal deve ser considerada, no entanto, o que se observa é que ainda existe uma ausência da oferta da educação ao camponês.

Historicamente, a ideia dos sujeitos do campo é apresentada como sujeitos ignorantes, seres que sabem menos, analfabetos, rotulações que fortalecem a marginalização e invisibilidade dos seres camponeses, “[...] há visões deturpadas de campo, bem como de seus sujeitos, o que ideologicamente fortalece a primazia do urbano sobre o rural, a civilização sobre os não civilizados, legitimando a ideia que apenas os moradores da cidade possuem civilidade”. (BRITO *et al*, 2019, p. 7501).

Superar esses adjetivos construídos historicamente não é algo que acontecerá imediato, é necessário um árduo esforço coletivo para superar tais atribuições. Ao pensar no camponês, subitamente temos as nossas atribuições construídas ao longo de nossas vidas,

tecendo percepções a partir do que já vivemos, ouvimos ou até que nos contaram. Assim, a Educação do Campo deve ser repensada de forma coletiva, a partir dos sujeitos e do seu modo de vida no campo. Segundo BEZERRA NETO (2010, p. 160) *apud* BRASIL/MDA/SDT (2006, p. 11-12), compreende que,

A educação como emancipação humana compreende que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rostos, gêneros, raças e etnias diferenciadas e que ao lutar pelo direito à terra, à floresta, à água, à soberania alimentar, aos conhecimentos potencializadores de novas matrizes tecnológicas, da produção a partir de estratégias solidárias vão recriando suas pertencas, reconstruindo a sua identidade na relação com a natureza e com sua comunidade. Essa relação, presente dentro da escola, possibilita uma reavaliação do passado, através do resgate da memória e dos conhecimentos socialmente sistematizados pela humanidade. É uma indagação sobre as barreiras que no presente se colocam a nossa condição humana de seres livres, conscientes e responsáveis e, a partir da produção desses conhecimentos nos remete a construir um futuro solidário, portanto, a luta por educação se vincula com o conjunto das lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo.

Não haveria necessidade de se pensar uma educação específica para o campo nos dias atuais, se compreendêssemos quem é o sujeito do campo e a diversidade que compõe sua realidade. Ao contrário, os movimentos sociais do campo resistem nos enfrentamentos por uma Educação do Campo, que contemple as especificidades do campesinato. Como podemos redesenhar o ensino do campo? Ao considerar uma realidade em que a Educação no país, estar situada no contexto de políticas privatistas, legitimadas pelo Estado ao realizar parcerias com instituições privadas para atender os interesses mercadológicos do capital. Partindo desse pressuposto, os movimentos sociais do campo, defendem que “[...] a educação desses diferentes grupos tem especificidades que devem ser respeitadas e incorporadas nas políticas públicas e nos projetos pedagógicos (BRASIL, 2004, p. 17).

A Educação do Campo está cada vez mais excludente, e essa é a realidade, não é uma mera ficção, mas o cerne da educação do campo brasileira. Na história, vemos claramente o silenciamento do campesinato, conceituado a condição de subalternos. E hoje quantas escolas do campo são tratadas como conto, negligenciadas e sucateadas para atender aos interesses mercadológicos do capital.

O modo de desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro desde o período colonial deixou como patrimônio uma estrutura fundiária com dívidas históricas, relacionadas à imensidão de terras devolutas empossadas por poucos, origem do latifúndio, muitas delas até os dias atuais improdutivos. Esta forma de

desenvolvimento do capitalismo no campo garantiu a mais valia do capital e o lucro a poucos e condenou o camponês à condição de subalternizado (ASSUNÇÃO; CAMACHO, 2023, p. 107).

Diante desse desafio, olhamos para a práxis de forma libertadora no Formacampo. Para tanto, pensar em ações emancipatórias que viabilize a formação continuada de educadores (as) do campo, indica a resistência dos movimentos sociais que insistem na construção de uma Educação do Campo desenvolvida com e a partir dos sujeitos do campo e dessa forma, contribui para a superação do modelo educativo que silencia e exclui. A práxis na Educação do Campo apresenta-se como instrumento de emancipação no ensino. Vivemos uma realidade de transformações rápidas, o que se torna um grande desafio construir uma educação que atenda as mudanças e possibilite uma reflexão emancipatória.

### **FORMACAMPO ENQUANTO PRÁXIS: UMA AÇÃO EMANCIPATÓRIA**

O Programa de formação de Educadores (as) do Campo (FORMACAMPO) objetiva em suas ações realizar atividades por meio da formação continuada dos profissionais da Educação do Campo nos Territórios de Identidade (TI) da Bahia. O Estado da Bahia é composto por 27 territórios, estruturados pelas peculiaridades de cada região. Os TI foram criados em 2007 pela Secretaria da Cultura do Estado da Bahia com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agropecuário utilizando o conceito de Superintendência de Pesquisas Econômicas (SOARES,2022). Desenvolve as atividades a fim de atingir professores (as), diretores, coordenadores pedagógicos, conselhos municipais de educação e dirigentes municipais das escolas do campo, considerando aquela situada no campo, bem como aquelas urbanas que recebem os alunos do campo.

O Formacampo surge como um vetor de transformação, “mudanças e rupturas no bojo da construção de um projeto de educação emancipadora junto aos educadores do campo no interior do Estado da Bahia, materializando-se numa estratégia ímpar na formação continuada docente” (CAJAIBA, SANTOS E BRITO, 2022, p. 07) ao pensar na realidade campesina, principalmente naqueles profissionais que atuam com esse público.

Ao pensar em Educação, entendemos que este espaço de produção de conhecimento é lugar de transformação. No entanto, antes de tudo é necessário entender a importância emancipatória na construção do conhecimento do indivíduo, quaisquer áreas do

conhecimento. Nessa perspectiva, ao elucidar as ações do Formacampo, percebemos que este programa extensionista,

[...] trouxe as escolas do campo uma outra perspectiva de educação, que transportou para um patamar de visibilidade de conquistas, principalmente, na conscientização das comunidades locais e escolares, em que estudantes camponeses têm direito à educação com bases fortalecidas pelas vivências e experiências, com currículo que reconheça e respeite toda a diversidade e especificidade que implicam as culturas e costumes dos camponeses. Neste sentido, o Formacampo, é mais que um programa de formação continuada, é uma ferramenta de liberdade, autonomia, resistência e transformação social (RODRIGUES, SANTOS E EÇA, 2022, p. 53).

Um programa que tem o papel significativo que assume compromisso social, voltado a transformação da educação camponesa. Diante disso, é importante também destacar que ao tempo que um programa que se configura como agente transformador na educação pública, temos a perspectiva neoliberalista que vê a Educação do Campo como lucro. Já é sabido, que o camponato é estereotipado como lugar de atraso, sendo negados direitos que foram solidificados ao decorrer da história, mas antes de tudo é preciso entender que a Educação do Campo se concretiza à medida que ela se realiza com e para os sujeitos (SANTOS, 2022).

Reiteramos a necessidade de se pensar uma Educação do Campo com e a partir desses sujeitos, pois o ensino no país tem sido cada vez mais negligenciado e as escolas progressivamente menos públicas. A educação tem sido progressivamente pressionada pelas demandas do capital e a ideia instalada pelo neoliberalismo em que tudo se vende, tudo se compra, tudo tem preço se acentua de forma latente, o que impede a emancipação e funde a sua lógica do consumo e do lucro. (MÉSZÁROS, 2008).

Diante dessa realidade, em que a educação tem sido vista como mercadoria, temos o Formacampo, como ação emancipatória. Ao ver as ações do Formacampo, percebemos o caminho viável de emancipação para ressignificar e construir de forma coletiva uma educação que contemple todos os sujeitos, como também suas especificidades. Nesse sentido, Silva e Brito (2023, p. 8), destaca que,

[...] O FORMACAMPO desenvolve e realiza as propostas pensadas, o que progressivamente alcança o público específico do campo e, avança em direção a uma Educação de qualidade considerando todas as particularidades e especificidades dos sujeitos camponeses, ressignificando assim, o fazer pedagógico dos docentes, por meio da formação continuada.

Ao contribuir para o ressignificar da prática docente, o Formacampo adentra o chão da sala de aula em sua realidade concreta ao mesmo tempo, que possibilita formação continuada com e para os educadores (as) do campo. Dessa forma, ao adentrar o chão da sala de aula, entre a teoria, prática e a práxis, os educadores se relacionam nesse movimento emancipatório e à medida que se desenvolve essa relação à práxis exige um posicionamento crítico da realidade e abre espaço para construção e reconstrução de novos saberes e práticas pedagógicas. (BRITO, 2020).

O Programa Formacampo tem sua origem dentro do Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade (GPEMDECC). <sup>1</sup>O grupo realiza diversas atividades ancoradas no ensino, pesquisa e extensão. No período de 2015 a 2018, o referido grupo desenvolve um projeto de pesquisa intitulado “As Políticas Educacionais do Plano de Ações Articuladas - PAR em escolas do campo, na Bahia”, a partir deste estudo, evidencia-se que em âmbito nacional mais de 50/% dos professores das áreas rurais ainda não têm graduação e mais de 80% não fazem formação continuada sobre a educação do campo nas redes municipais e estaduais (SANTOS, 2020), e a partir dessa pesquisa origina-se o projeto extensionista de formação continuada para educadores (as) do campo.

O referido Programa, em sua 1ª edição foi realizado em parceria com a União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e teve como proposta central realizar atividades de extensão, por meio da formação continuada dos profissionais que atuam na educação do campo, cujas secretarias municipais de origem foram contatadas pela Undime, a fim de fazer a adesão para participação na formação. As atividades foram organizadas e desenvolvidas pelo Grupo de estudos e Pesquisas Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e Cidade - GPEMDECC/UESB. (SANTOS, 2022, p.6).

O projeto de extensão Formacampo, na 1ª Edição contou com a participação de 6.933 cursistas, de 116 municípios dos diversos territórios de Identidade da Bahia. Já em 2022, houve uma participação expressiva de 10.836 cursistas, com a adesão de 187 municípios da Bahia. E segue em 2023, já para sua terceira edição. Apresentaremos no quadro 1 os Territórios de Identidades que participaram do Formacampo em 2021 e 2022.

Contou com contribuições teóricas, além de dissertações de mestrado e doutorado que apresentaram temáticas de formação de professores. O público alvo foram professores,

---

1

dirigentes, conselheiros municipais e coordenadores das escolas do campo, localizadas no campo ou ainda nas escolas urbanas que atendem alunos e alunas camponeses.

Quadro nº 1: Territórios de identidade em 2021 e 2022.

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE EM 2021	
GRUPO	TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE
<b>Grupo 1:</b> Participação nas <i>lives</i> e construção das Diretrizes municipais para a Educação do Campo.	Sudoeste Baiano; Vale do Jequiriçá; Velho Chico; Médio Sudoeste; Litoral Sul; Médio Rio de Contas e Sertão Produtivo.
<b>Grupo 2:</b> Participação nas Lives; atividades assíncronas e construção do PPP das escolas do campo	Bacia do Jacuípe; Bacia do Paramirim; Baixo Sul; Chapada Diamantina; Costa do Descobrimento; Extremo Sul; Irecê; Piemonte do Paraguaçu; Portal do Sertão e Recôncavo.
<b>Grupo 3:</b> Participação nas <i>lives</i> . Não tem atividades assíncronas	Bacia do Rio Grande (antigo Oeste baiano); Semi-árido Nordeste II; Agreste de Alagoinhas; Sisal; Bacia do Rio Corrente; Itaparica; Piemonte Norte; Metropolitana de Salvador; Piemonte da Diamantina e Sertão do São Francisco.
TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE EM 2022	
GRUPO	TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE
<b>Grupo 1:</b> Construção das Diretrizes Municipais para a Educação do Campo; Encontros formativos e atividades síncronas	Sudoeste Baiano, Vale do Jequiriçá, Velho Chico, Médio Sudoeste, Litoral Sul, Médio Rio de Contas, Sertão Produtivo
<b>Grupo 2:</b> Construção do Projeto Político Pedagógico dos municípios; Lives Formativas, atividades síncronas e assíncronas	Bacia do Paramirim, Chapada Diamantina, Baixo Sul, Costa do Descobrimento, Piemonte, Extremo Sul, Recôncavo, Bacia do Jacuípe, Portal do Sertão e Irecê
<b>Grupo 3:</b> Lives formativas; Atividades Síncronas/assíncronas.	Oeste baiano, Semi-árido Nordeste II, Agreste de Alagoinhas, Sisal, Bacia do Rio Corrente, Itaparica, Piemonte Norte e Metropolitana de Salvador

Fonte: As autoras a partir dos dados do Formacampo (2023).

O programa busca incluir ações com participação ativa educadores (as) nas propostas, bem como na articulação junto aos municípios, a fim de auxiliá-los na construção do Projeto Político Pedagógico, Diretrizes municipais do Campo e diversas atividades para a formação continuada. Diversas atividades foram desenvolvidas e contou com equipes de coordenação geral e territorial. Além de disponibilizar cadernos temáticos que abordavam os conteúdos discutidos e trabalhados nas *lives* da formação, foram realizados encontros presenciais e *onlines* com coordenadores e professores para esclarecimento de dúvidas.

O Formacampo desempenha um papel importante na construção de um projeto de educação emancipatória junto aos educadores/as do campo na práxis, por meio do qual os profissionais são estimulados a refletir sobre sua prática, a fim de ressignificar o processo educacional na produção do conhecimento a partir da leitura crítica da realidade para transformá-la. Nessa perspectiva, é que foram planejadas temáticas que possibilite uma discussão ampla e emancipadora. A seguir, apresentamos as temáticas discutidas no ano de 2021.

**Tabela 1:** Temáticas discutidas pelo programa em 2021

<b>Temáticas discutidas em 2021</b>
Conferência de abertura do Programa Formacampo: Fundamentos da Educação do Campo
Tecnologia e Educação do Campo
O Projeto Político Pedagógico em escolas do campo
Educação do Campo e diversidade no PPP
Educação infantil do campo no PPP
Letramento e Educação do Campo no PPP
O papel da gestão escolar na construção do PPP
A EJA no PPP da escola do campo
O currículo e a Educação do Campo no PPP
Educação para ribeirinhos
Educação Escolar quilombola e PPP
Classes multisseriadas e PPP
Educação para assentados e acampados de áreas dos movimentos sociais e PPP
O PPP e o papel dos gestores
Organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo
Matemática e Educação do Campo no PPP
Relações étnico-raciais no PPP da escola do campo
Educação Ambiental e Agroecologia no PPP da Escola do Campo
As Ciências Humanas no PPP da Escola do Campo
Educação Escolar Indígena e PPP
Educação do Campo: semeando conhecimentos para a transformação da realidade

**Fonte:** Elaboração das autoras a partir de dados no *site* FORMACAMPO.

A que se pensar na realidade particular e também na atualidade, por isso, ao ver as temáticas das lives, conseguimos perceber um movimento emancipatório, no que tange as discussões propostas. Através da tabela 1, conseguimos ratificar a relevância com que o

Formacampo se materializa e desenvolve as temáticas a fim de alcançar os partícipes do programa, bem os sujeitos que são atendidos por esses profissionais, nessa perspectiva, “[...] contribui para que haja um olhar sensível para as escolas do campo, bem como também o processo de ensino-aprendizagem, haja vista que é importante que os professores encontrem caminhos para dar continuidade, no que diz respeito à formação docente”. (CAJAIBA; SANTOS E BRITO, 2022, p. 13).

É notório o compromisso social que o coletivo do programa assume. Destarte, destacamos que através das discussões dessas temáticas, conseguimos perceber a práxis e o movimento emancipatório ao ultrapassar a lógica neoliberalista que visa a educação como mercadoria, e assim, o Formacampo contribui significativamente para ressignificar do fazer pedagógico. Para ratificar essa afirmação, apresentamos no quadro 2, a fala de quatro partícipes ao avaliar o programa em 2021.

Quadro 2 - Avaliação do Formacampo em 2021

PARTÍCIPE	AVALIAÇÃO
Partícipe A	Um excelente programa de formação profissional, que levou em consideração várias nuances da formação necessária ao homem do campo. Soube, magistralmente, priorizar cada detalhe nos aspectos trabalhados nas formações abordadas. Parabenizo toda a equipe por mostrar que é possível, sim, ainda reformular a educação no campo para atender e priorizar não só a educação, mas com ela todo o arcabouço que envolve a educação no campo. Ouvei que <b>o Formacampo é uma utopia, mas acredito que partindo do povo, mentes pensantes e conscienciosas, ainda possa ver uma educação justa e igualitária pra o homem do campo. Minha própria visão de educação no campo mudou, graças às informações contundentes apresentadas no Formacampo.</b>
Partícipe B	O FORMACAMPO contribuiu significativamente para a minha formação, tanto profissional quanto pessoal. A Disciplina de EDUCAÇÃO DO CAMPO, na universidade, possui uma carga horária mínima, dada a complexidade e grandeza da modalidade, o que impede o acadêmico de apropriar-se de muitas discussões a respeito. Por esta razão, foi possível observar muitos gargalos que sempre perpassaram a escolarização dos moradores do campo. <b>Outro ponto importante foi compreender a construção de um PPP específico para a escola do campo, ou incluir esses sujeitos no documento da escola da cidade, com um olhar mais aguçado para as necessidades e respeito a essas pessoas que, historicamente, estiveram à margem de um atendimento precário, nos mais variados campos, principalmente educacional.</b> Em plena pandemia, não está sendo fácil o trabalho docente, e o FORMACAMPO teve a gentileza de aguardar o recebimento das atividades, ainda que fora do prazo estipulado, ponto extremamente relevante que não pode deixar de ser mencionado aqui. Além disso, <b>li e refleti sobre Agroecologia, algo que sempre passou longe das formações ofertadas aos professores de minha cidade, o que nos incita a trabalhar sempre com práticas agroecológicas, dentro da escola.</b> Cabe ainda ressaltar que não visualizei pontos negativos, por se tratar de um curso de cunho predominantemente qualitativo e gratuito.
Partícipe C	O programa Formacampo vem nos alertar para tomada de decisões importantíssima <b>com um novo olhar de modo que a Educação do Campo deve ser pautada na organização do planejamento, no trabalho pedagógico da escola, com diálogo entre os sujeitos interessados, considerando sua identidade, cultura e trabalho.</b> O programa Formacampo, com certeza, nos acrescentou muito, pois saímos enriquecidos de conhecimentos e maturidade, muito positivo.

PARTÍCIPE	AVALIAÇÃO
Partícipe D	O programa Formacampo contribuiu significativamente para meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois abordou o contexto histórico, lutas populares e movimentos sociais que possibilitaram a melhoria em muitos aspectos na educação do campo e, <b>todo conhecimento adquirido me fez rever conceitos, para melhoria e qualificação do meu trabalho como educadora do e no campo.</b> Pelo fato de eu ser egressa da Efa de Riacho de Santana, o meu interesse pelo campo, pela educação do e no campo é imenso e muitas foram as expectativas com relação a esse curso, que inclusive foram superadas.

Fonte: criação própria a partir do *drive* do Formacampo (2023).

Pensar na práxis é escutar quem de fato está no chão da realidade, por isso, ao escutar os educadores, temos como possibilidade contribuir para o ressignificar da práxis emancipatória da Educação do Campo. Através das formações, o coletivo do Formacampo tem como meio a centralidade do debate e a compreensão da realidade nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente específicas aos sujeitos do campo, por isso, corrobora para a interpretação da realidade, o que conseqüentemente pode possibilitar a transformá-la, ou seja, a práxis na Educação do Campo. (SANTOS; BEZERRA, 2017).

Nessa direção, ressaltamos a importância do Programa Formacampo enquanto práxis numa ação emancipatória, e aqui, a práxis pode ser entendida como ato de transformação dos educadores (as) do campo através do diálogo com a realidade na dialeticidade entre a teoria e a prática. O Formacampo pode ser caracterizado, então, como uma ação emancipatória da práxis pedagógica, pois nele os partícipes interpretam a realidade e buscam transformá-la, ressignificando sua prática e seus saberes.

Ademais, o programa se solidifica progressivamente a fim de superar os paradigmas atribuídos à Educação do Campo ao longo da história, para que de fato se tenha uma educação pública e de qualidade, envolvendo todos os sujeitos do/no campo, para o qual, “os problemas sociais não poderão ser resolvidos se não forem desvendados inteiramente por quem se inquieta com sua ocorrência e atua no sentido de superá-los. E o meio de fazê-lo é através do conhecimento que, ao mesmo tempo, os situe, explique suas causas e características e situe as dificuldades do entendimento que temos sobre eles”. (MARTINS, 2002, p. 23).

Transformar a realidade e romper com lógica urbanocêntrica, compreendida na perspectiva de desterritorializa o morador do campo quando aponta a cidade como espaço único possível de se desenvolver. (SODRÉ; NASCIMENTO, 2012). Sendo assim, podemos dizer é o que o Formacampo tem feito ao protagonizar toda a Educação do Campo e realizar micro revoluções de emancipação em cada localidade em que as ações do programa alcançou, contribuindo assim, para a transformação social, e assim, “pensar a escola como espaço de um projeto educativo de práticas emancipatórias, e não como locus do único saber aceitável,

como fizeram os liberais que a absolutizaram montando currículos para transformar as pessoas em robôs do sistema capitalista”. (SANTOS, 2017, p.77).

Acreditamos ser um grande desafio, materializar uma ação que abarca um público tão diverso e ainda mais, reitera a necessidade de repensar a Educação do Campo. Nesse processo, a formação continuada para os/as educadores (as) do campo configura-se como um elemento essencial para pensar na educação que tem sido ofertada para o camponês, sendo assim, observamos que a proposta de formação continuada ofertada pelo Formacampo reconhece as especificidades e particularidades do campo. Daí entendemos como o referido programa se acentua como modelo de ruptura de educação no campo e as temáticas discutidas no ano de 2022, possibilita um diálogo emancipador, ao contemplar uma diversidade de saberes. Logo abaixo, apresentamos as temáticas discutidas em 2022.

Tabela 2: Temáticas discutidas em 2022

<b>Temáticas discutidas em 2022</b>
Educação no Campo na perspectiva emancipatória: desafios e proposições
As Diretrizes Nacionais de Educação do Campo: o que fazer no contexto municipal
Oficina coletiva sobre tecnologia e Educação do Campo
Educação do Campo e Projeto Político Pedagógico.
O Projeto Político Pedagógico do Campo
A importância das Diretrizes Municipais de Educação do Campo como Política Pública.
Economia solidária e cooperativismo: um diálogo com a educação.
Diretrizes Municipais da Educação do Campo: uma construção possível
Educação Infantil no Campo no PPP.
Letramento e Educação do Campo no PPP.
Educação do Campo e Diversidade no PPP.
A EJA no PPP da Escola do Campo.
O papel da Gestão Escolar na construção do PPP.
Educação Escolar Indígena.
O currículo nas escolas do campo: pensando uma educação emancipatória.
Educação para os Ribeirinhos
O PPP e o papel dos gestores Minicurso
Educação Escolar Indígena
Gênero e LGBTI +: o PPP em foco
Educação nos Movimentos Sociais e EFAS: o PPP em foco
Educação dos Quilombolas: O PPP em foco
A organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo e das cidades que recebem alunos do campo

<b>Temáticas discutidas em 2022</b>
Retroalimentando as informações para a elaboração dos PPP das escolas do Campo
O FORMACAMPO é assim: um apanhado de coisas boas
Classes Multisseriadas e o fazer docente: quebrando paradigmas e traçando novos caminhos da Educação do Campo.

**Fonte:** Elaboração das autoras a partir de dados no *site* FORMACAMPO.

Essas temáticas permitem na formação continuada uma reflexão da teoria articulada com a realidade, a fim de repensar a prática docente e que dessa forma a ação do educador não se limite apenas ao chão da sala de aula, pois é um agente ativo na práxis. (BRITO, 2020). Outrossim, potencializar a dimensão da Educação do Campo, atravessada por diversos desafios é realizar o movimento de ruptura contra o paradigma dominante, cujo objetivo é levar não só a compreensão de quem são os sujeitos, especificidades do campo, mas para além do diálogo é também, transformar a realidade a fim de romper com a lógica do capital, de sucateamento das escolas do campo. A educação do campo concretizar-se-á mediante a garantia de condições em conformidade com a realidade local e a diversidade das populações do campo. (BRASIL, 2010).

O Formacampo é caminho de rompimento de ideologias que ainda aliena e estigmatiza a vida dos povos do campo. À medida que o programa desenvolve as atividades desde de 2021, conseguimos pensar as transformações acontecendo de fato na prática, e nessa perspectiva, trazemos relatos de cursistas no ano de 2022, que destaca como a prática se revela a partir da experiência no Formacampo.

**Partícipe E:** “Minha prática tem sido mudada bastante depois dessa formação. Hoje eu tenho um novo olhar pra essas crianças que vivem no redor da escola como se não fizesse parte desse processo. Um dos instrumentos que estamos utilizando bastante é fazer com que nosso alunado se enxergue como um sujeito que mora e ocupa os espaços do campo, de cabeça erguida conhecendo a sua história e se orgulhando dela”.

**Partícipe F:** “Sempre defendi a ideia de que nós, profissionais da educação, precisamos estar em constante aperfeiçoamento. A participação no programa forma campo tem me confirmado esse ponto de vista. A cada palestra ou a cada leitura feita, os especialistas deixam sempre muito clara essa necessidade, alertando que para se ter uma educação de qualidade é necessário que o professor, como principal responsável pelo processo educativo, esteja constantemente aprimorando seu conhecimento nos avanços e inovações. Só assim estará suprimindo as defasagens de sua formação inicial e profundando seus conhecimentos para melhorar o desenvolvimento da sua prática pedagógica, ultrapassando o senso comum”.

**Partícipe E:** “Através das formações do Formacampo, eu passei a trabalhar mais com a realidade em que os alunos vivem. Fazer com que as crianças possam valorizar e

conviver em harmonia com a natureza. Mostrar que é possível produzir com sustentabilidade. E valorizar as culturas do campo”.

O exposto permite evidenciar mais uma vez que, o Formacampo é uma estratégia formativa para a transformar à realidade. Daí, podemos dizer que a proposta se lança no desafio de ampliar a concepção da educação do campo, para além dos estereótipos construídos historicamente e se configura como um importante instrumentos na luta de políticas públicas para a valorização e a efetivação das Escolas do Campo.

Através do Formacampo a Educação do Campo sai dos “escritos” e passa de fato um espaço aberto da coletividade que viabiliza uma educação que emancipa, não sendo apenas mais um projeto engessado, mas sim, uma relação entre práxis, campo e a emancipação.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS**

No que tange os aspectos metodológicos, este estudo utiliza metodologia de natureza qualitativa através da pesquisa participante. A pesquisa qualitativa tem como objetivo de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos, capaz de responder as necessidades da realidade e compreender o fenômeno educativo, como também, contribui na investigação proporcionando uma dimensão ampla da realidade resultante do pesquisador com a realidade. Nesse sentido, Minayo (2014), a pesquisa qualitativa se preocupa com a realidade que não pode ser quantificada, o que significa que ela trabalha com o universo dos significados e interpretações.

Segundo Gil (2008), a pesquisa participante se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores(as) ao decorrer da pesquisa e responde às necessidades dos sujeitos investigados educadores (as) do campo e as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas, levando em conta suas aspirações e potencialidades (FALS BORDA, 1983).

Assim, foram analisados os dados do programa de Formação de Educadores e educadoras do Campo disponibilizados no site do GPEMDECC/UESB, as lives no canal do Youtube. O levantamento dos dados qualitativos fora analisado a partir do *drive* do Formacampo interpretados de modo apresentar a realidade vivenciadas pelos sujeitos, bem como a ação emancipatória da práxis. Para tanto, reiteramos que as atividades desenvolvidas, diários fotográficos, relatórios técnicos, artigos, cadernos temáticos e os diversos materiais resultantes da produção coletiva programa Formacampo estão disponíveis e acessíveis de forma digital no site à toda comunidade externa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho espera-se contribuir com a reflexão acerca da proposta da Educação do Campo, pensada com e a partir dos povos do campo ao mesmo tempo, instigar a construção de novas experiências emancipatórias a fim de fortalecer as lutas dos povos camponeses e contribuir nos enfrentamentos diante do modo de produção capitalista.

Na história do Brasil, a Educação do Campo sempre foi vista como modelo de produção e tida como inferioridade e subalternizada. Ao contrário, dentro do Formacampo, têm-se destaque singular como protagonista em sua realidade diversa e significativa. Outrossim, reiteramos a necessidade de se pensar uma Educação do Campo com e a partir desses sujeitos, pois o ensino no país tem sido cada vez mais negligenciado e as escolas progressivamente menos públicas, por isso, tecer discussões relevantes e materializadas através de ações como essas nos dias atuais, é emancipador.

Sendo assim, destacamos que a razão do existir do Programa de Educadores(as) do Campo é, estreitar, cada vez mais, a relação campo, práxis e emancipação. A partir do programa os participantes dialogam com o contexto social, cultural e político existente, visando a transformá-lo. A dimensão emancipatória do Formacampo enquanto práxis é uma relação intrínseca entre o campo na Bahia. Logo, contribui para a construção de uma Educação do Campo colaborativa e crítica, carregada de transformações de realidades. E enquanto práxis tem por finalidade contribuir com a formação de educadores (as) do campo, bem como aqueles da cidade que recebem alunos do campo. Essa ação extensionista assume um compromisso social emancipatório na transformação do agir em sala de aula, fomentando, inclusive, diferentes modos de agir e recriar situações no contexto escolar da Educação do Campo.

O embate por uma Educação do Campo que de fato contemple seus sujeitos e sua identidade é contínuo, aqui e ali é possível enxergar avanços e possibilidades, a exemplo do Programa Formacampo como movimento da práxis e um instrumento de intervenção emancipatória, que diante dos desafios atuais é um *continuum* para transformar a realidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Manual de Operações. Brasília, 2004.

BEZERRA NETO, Luiz. **Educação do campo ou educação no campo**. Revista HISTEDBR On-line, (38), 150-168. (2010). Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art12\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art12_38.pdf) Acesso em 27 de mar de 2023.

CAJAIBA, Jaqueline Braga Moraes; SANTOS, Arlete Ramos dos; BRITO, Valéria Souza Lima. **Formação docente do/no campo: protagonismo do Programa Formação de Professores do Campo (Formacampo)**. Educ. Form., Fortaleza, v.7, e8075, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/8075>

FALS BORDA, Orlando. **Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MÉSZÁROS, Istévan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

RODRIGUES, Vilma Aurea; SANTOS, Arlete Ramos dos; EÇA, Antoniclebio Calvalcante. **Relatório Técnico do Território de Identidade Irecê. Relatório técnico do projeto de pesquisa Políticas Educacionais do Plano de Ações Articuladas (PAR) e a Base Nacional Comum Curricular em Municípios da Bahia: desafios e perspectivas**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UESB. Vitória da Conquista – BA, 2022. Disponível em: [http://www2.uesb.br/gepemdecc/?page\\_id=1369](http://www2.uesb.br/gepemdecc/?page_id=1369). Acesso em 20 de mar de 2023.

SANTOS, Arlete Ramos dos. **Relatório técnico Programa de Formação de Educadores do Campo – FORMACAMPO: educação do campo**. / Arlete Ramos dos Santos. - Vitória da Conquista, 2022.36p.

SANTOS, Arlete Ramos dos *et al.* **Relatório de pesquisa Políticas Educacionais do Plano de Ações Articuladas (PAR) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em municípios da Bahia: desafios e perspectivas**. / Arlete Ramos dos Santos... [et al.] Vitória da Conquista, 2022. 72p.

SANTOS, Flávio Reis dos. BEZERRA NETO, Luiz. **Práxis educativa para as populações camponesas brasileiras: do ruralismo pedagógico ao materialismo histórico-dialético**. Acta Scientiarum. Education, vol. 39, núm. 4, pp. 453-467, 2017. Editora da Universidade Estadual de Maringá – EDUEM. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3033/303352894011/html/> Acesso: 28 de mar 2023.

SANTOS, Arlete Ramos dos. NUNES. Cláudio Pinto. **Reflexões sobre políticas públicas educacionais para o campo no contexto brasileiro** - Salvador: EDUFBA, 2020.

SOARES, Jamile de Souza. **Avanços e desafios da educação do campo com a implementação do Plano de Ações Articuladas (PAR) no território sertão produtivo-Ba**. / Jamile de Souza Soares, 2022. 153f. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2022/04/JAMILE-DE-SOUZA-SOARES.pdf> Acesso em 20 de mar de 2023.

SODRÉ, Maria Dorath Bento; NASCIMENTO, Antônio Dias. **Problematizando a identidade na educação: a educação do campo**. Revista Educação e Emancipação, São Luís/ MA, v. 5, ed. 2, jul/dez 2012. Disponível em: <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/3260/1303> Acesso em: 28 mar. 2023.